

Coluna do Castello

Sob o signo da negociação

Os dois grupos de pressão mais radicais que operam sobre a Constituinte — a UDR e a CUT — mudaram visivelmente de tática nesta fase final das reuniões do plenário. Eles já não ocuparam ostensiva e barulhentos os espaços físicos para demonstração de força. É lógico que não deixaram de participar direta e indiretamente das negociações e de realizar pelas vias convencionais o contato com seus simpatizantes e correligionários para manter vivo o aliciamento.



A presença do Sr. Ronaldo Caiado nas reuniões de negociação que se realizavam em salas do PMDB ou outras foi o sintoma claro de que a entidade que ajudou a congregar para defender a propriedade rural e seu uso tradicional trocou de senha na operação de obter resultados nas votações da Constituinte. Os grupos de pressão situados à esquerda tiveram também uma presença convencional nas negociações e optaram pela delegação aos representantes políticos para defesa das suas teses.

Acredita o líder do PMDB, deputado Ibsen Pinheiro, que essa alteração de comportamento retrata o reconhecimento da ineficácia das pressões radicais vistosas ou aparatosas sobre a Assembléia, que se tem recusado a decidir sob constrangimento. A negociação passou a ser, desde a derrota do substitutivo do *Centrão* sobre a Ordem Econômica pelos exatos 279 votos — número considerado ideal para sinalizar o “basta” sem eliminar a hipótese de acordo — a norma indispensável para que os temas tenham curso e as decisões se concretizem.

O substitutivo do *Centrão* foi acolhido sob advertência daquela votação e depois de devida negociação. Agora cada item que vá a votação traz uma carga consensual muito grande. Quando isso não acontece, o voto dirime a controvérsia e não tem de modo geral favorecido a expectativa gerada pela força inicial do agrupamento do centro-conservador. O problema da reforma agrária foi posto sob o signo do entendimento, indício do ceticismo que atingira o *Centrão* com relação à sua própria força em matéria considerada substantiva e inspiradora parcial da mobilização da direita. Se a tese da UDR vier finalmente a prevalecer, estaremos apenas diante de uma contrapartida à vitória da esquerda no caso da nacionalização das riquezas do subsolo e outros ganhos econômicos e sociais dessa vertente.

De um modo geral a cúpula do PMDB demonstra satisfação com as conclusões a que vai chegando a Assembléia Constituinte. Atribui-se ao texto que se vai compondo uma tradução do pensamento médio, mas progressista, do Brasil atual. Os avanços sociais teriam sido substanciais e na área econômica também assinalam-se progressos estimulantes para os movimentos nacionalistas, que tendem a se dissociar dos interesses socialistas propriamente ditos. É claro que essa avaliação dos trabalhos constituintes não é generalizada e há uma clara insatisfação nos setores liberais e conservadores do país, os quais tendem a considerar a Carta como um retorno a definições e propósitos que conduziram ao impasse de 1964 e apontariam para o agravamento dos índices de ingovernabilidade do país.

Políticos e economistas como os Srs. Roberto Campos e Delfim Neto mantêm-se em postura crítica e fazem previsões sombrias sobre as teses assumidas com relação à modernização da economia pela esquerda que se revelou mais poderosa do que admitiam inicialmente. Mas para homens como o Sr. Ulysses Guimarães, que identifica seu destino político com o da Constituinte, o trabalho está sendo altamente satisfatório a ponto de estimulá-lo a, na base do texto final da Constituição, encontrar os elementos adequados a reaglutinar o PMDB, mantendo-o íntegro para a disputa da sucessão presidencial e a prática do pleno regime democrático sob uma nova carta magna.

Faltam ainda algumas questões polêmicas. Entre elas a definição final do mandato do presidente José Sarney, último foco de atrito e de confrontação política. O presidente, que vem de uma vitória na votação do presidencialismo e do mandato de cinco anos, defronta-se com fatores novos que ele aparentemente acha que não alterarão a perspectiva aberta pelo último pronunciamento da Constituinte, na matéria.

Sarney e Lincoln

O deputado Ulysses Guimarães levou de presente ao presidente José Sarney, quando o cumprimentou pelo aniversário, uma biografia de Lincoln, um dos presidentes norte-americanos mais alvejados pela crítica e a difamação. Folheando o volume, o presidente perguntou: “Fala também nas indecisões”? E o Sr. Ulysses: “Fala”.

Derzi e Fernando Henrique

A oposição, no Senado, ao presidente da República, articula-se em bloco de maioria para inviabilizar a indicação do senador Saldanha Derzi como líder da maioria. Ele será, então, líder da minoria. A propósito, lembra-se que o senador Fernando Henrique Cardoso, quando, no primeiro ano do governo, perdeu para o senador Humberto Lucena a disputa pela liderança, foi designado pelo presidente José Sarney líder do governo, condição que agora se recusa ao senador por Mato Grosso.

Aprensão na Petrobrás

O comando da Petrobrás está altamente apreensivo com a greve na empresa e o desfecho da campanha pela reposição da URP. Em princípio, a estatal considera justa a reivindicação. Seus empregados são operários como os demais.

Carlos Castello Branco